

# O Rei está nu. E agora?

*Sob o impacto da crise e dos golpes desfechados pelos movimentos nacionais e populares, o edifício do neoliberalismo desaba na América Latina. O que fará a esquerda brasileira?*

Os acontecimentos monumentais do ano que se encerra completaram o processo de destruição política da nefasta ficção que se convencionou chamar “ordem neoliberal” na América Latina. Economicamente debilitado pelas sucessivas crises financeiras, a partir de 1997, o edifício neoliberal começou a ser politicamente destruído com a vitória de Hugo Chávez, na Venezuela (final de 1998) e pela greve de um ano da Universidade Autónoma do México (Unam), a maior universidade pública da América Latina, realizada entre abril de 1999 e fevereiro de 2000. Em toda a América Latina, incluindo o Brasil, multiplicaram-se os movimentos nacionais e populares de resistência, alguns de grande amplitude. Isso tudo permite prever um novo período de intensa agitação política. Vamos aos fatos:

- No Equador, os indígenas, que somam quase 50 por cento da população, chegaram a ocupar o Palácio Presidencial, em janeiro. Foi uma verdadeira revolução, feita em aliança com trabalhadores e um amplo setor das Forças Armadas, liderado pelo coronel Lúcio Gutiérrez. O movimento refluíu sem ter sido derrotado, mas sem que nenhuma de suas reivindicações fosse atendida, particularmente aquelas que se referem à punição dos corruptos e à melhoria da distribuição da renda nacional.
- No Peru, acabou a ditadura de Ernesto Fujimori, fundada mediante o “autogolpe” de abril de 1992, com o fechamento do Congresso Nacional e a concentração de todos os poderes na figura do presidente. A fraude eleitoral que lhe garantiria um terceiro mandato presidencial foi derrotado por um processo agudo de mobilização de massas, que aprofundou a um ponto insuportável as fissuras existentes no governo (apesar do apoio assegurado por FHC). O episódio que mostrou o envolvimento de Vladimir Montesinos, homem forte de Fujimori, com o narcotráfico, foi apenas o resultado mais visível desse processo de desagregação da elite corrupta.
- Na Argentina, os trabalhadores realizaram três greves gerais em menos de um ano da gestão do presidente Fernando de la Rúa. Isso significa que não foi concedida ao novo governante nem sequer a “trégua” que lhe permitiria “mostrar serviço”. A primeira greve geral aconteceu no dia 5 de maio, a Segunda em 9 de junho, e a terceira, de 36 horas, foi iniciada em 23 de novembro. Segundo o próprio governo, a terceira greve obteve a adesão de 80 por cento dos trabalhadores (o que permite medir o seu extraordinário sucesso). Ela foi convocada contra o alto nível de desemprego, a política econômica neoliberal de De la Rúa e contra um pacote de medidas que previa a privatização do sistema de previdência e o aumento da idade de aposentadoria das mulheres.
- Na Colômbia, a guerrilha – organizada, principalmente, em torno das Farc e do ELN – trava intensos combates com as Forças Armadas e com os “esquadrões da morte” de extrema direita financiados por narcotraficantes. Controlam, atualmente, cerca de 40 por cento do território colombiano, mas já enfrentam a presença ostensiva de “especialistas” e armamentos americanos no país, no quadro do Plano da Colômbia. Não foi por acaso, aliás, que Bill Clinton iniciou precisamente nessa conjuntura a operação de invasão da Colômbia: os senhores da Casa Branca já se deram conta do quadro de mobilizações que agitam incessantemente o conjunto do hemisfério latino-americano.

A lista poderia continuar: a expressiva vitória eleitoral que reconduziu Chávez à presidência, em julho de 2000, apesar das pressões de Washington e das enchentes; a mobilização da sociedade civil chilena pela punição de Augusto Pinochet; a contínua e inquebrantável resistência do Exército Zapatista de Libertação Nacional; a recuperação, ainda que lenta e gradual, da economia cubana, e a vitória moral de seu regime no “caso Elián”, ainda mais quando contrastada com o fiasco das eleições presidenciais nos Estados Unidos...

A crise agônica do neoliberalismo não é, obviamente, uma particularidade latino-americana. Basta pensar nas manifestações de Seattle foi o “apito da panela de pressão”: a economia mais poderosa do planeta emite sinais de esgotamento. Os especialistas falam no “desaquecimento” da economia (o “pouso da águia”, na metáfora de Alan Greenspan, chefe do Tesouro americano), e entram em pânico a cada oscilação do índice Nasdaq, essa bolha especulativa grávida de tragédias. O nada “esquerdista” John Kenneth Galbraith fala na “brazilianização” dos Estados Unidos, para descrever um processo de brutal concentração de renda (12 por cento da população americana passa fome).

Há, portanto, um quadro geral, uma tendência global (sem trocadilhos) de desabamento do edifício neoliberal. Sua coluna “doutrinária” de sustentação, o Consenso de Washington (o receituário de dez pontos para “recuperar” as economias ex-socialistas e as “emergentes”), resume-se, hoje, a uma esquálida caricatura de si mesmo. É esse quadro geral que dá pleno sentido à extraordinária vitória eleitoral da esquerda brasileira, particularmente do PT, nas eleições municipais. Ela corresponde

ao sentimento generalizado da população de todo mundo, de que não é mais possível suportar o neoliberalismo. Acabou.

No Brasil, o grande sinal do avanço do movimento nacional e popular foi, sem dúvida, a Marcha de Brasília, que levou 100.000 manifestantes à capital federal, em 1999. A realização da marcha teve um imenso significado histórico, facilmente detectado quando se lembra que Brasília foi, propositalmente, construída longe de qualquer centro urbano importante, para, entre outras coisas, evitar manifestações de massa. A Marcha dos 100.000 representou, nesse sentido, a ocupação de Brasília pela nação. Nada fica a dever à manifestação de 1 milhão pelas eleições diretas, no vale do Anhagabaú, em São Paulo, em 1984.

O ano 2000 foi repleto de manifestações populares, todas muito bem simbolizadas pelas "comemorações" dos quinhentos anos, no dia 22 de abril, na região de Porto Seguro. A violentíssima ação da Polícia Militar e o estado de prontidão do Exército contra índios, negros, estudantes, trabalhadores urbanos e os sem-terra foram a síntese perfeita da história do país. O que se seguiu, depois disso, foi a multiplicação de atos violentos e repressivos contra os movimentos populares, incluindo a transformação da avenida Paulista em praça de guerra, no dia 18 de maio, quando a PM feriu 35 professores, funcionários públicos e estudantes.

Na esteira da escalada repressiva, o governo FHC reconstruiu o sinistro Serviço Nacional de Informações, agora rebatizado como Abin (Agência Brasileira de Inteligência), que logo se mostrou um organizador de "arapongas" a serviço de cliques em disputa do poder. E, com o resolutivo apoio da mídia, o governo lançou uma ofensiva em grande escala contra o MST, incluindo a prisão totalmente arbitrária de seis de seus militantes, em Boituva, SP, em novembro de 1999 (além da impunidade assegurada aos assassinos de outros dez integrantes do movimento, ao longo do ano 2000).

Nada disso surtiu o efeito desejado. As manifestações não refluíram. Ao contrário, o movimento universitário dá sinais de vida, após um longo período de sonolência, como mostraram a greve de cinquenta dias da Universidade de São Paulo e a das universidades federais. E foram multiplicados os movimentos e as paralisações de um sem-número de categorias de trabalhadores, de desempregados e sem-teto. Cinco milhões de brasileiros mostraram, nas urnas da consulta popular, que são contra o pagamento da dívida externa e favoráveis a uma auditoria. Essa participação de votantes foi extraordinária, ainda mais quando se considera que o plebiscito foi totalmente boicotado pela mídia. Esse processo foi coroado com a esplendorosa vitória eleitoral da esquerda.

O quadro geral, portanto, está bastante claro. De um lado, a Casa Branca, ciente de que o seu edifício está em ruínas, procura tomar a iniciativa na América Latina, com o Plano da Colômbia, a intervenção descarada do FMI na Argentina, as "orientações" para a "recomposição da normalidade" no Peru, a "disciplinarização" do Chile (forçado a anunciar sua ruptura com o Mercosul) etc. De outro lado, estão os movimentos nacionais e populares em todos os países latino-americanos, desfechando golpes profundos na "ordem neoliberal" .

A América Latina, em geral, e o Brasil, em particular, poderão dar um grande salto organizativo e político no próximo período. O rei está nu: as condições objetivas estão dadas. O que fará a esquerda brasileira diante desse quadro? Vai repetir seus trágicos erros de sempre, alimentando os sectarismos, as acusações mútuas, as posturas dogmáticas? Ou, na pior vertente, vai rifar sua consciência e suas atitudes por cargos no governo? O momento exige a mais ampla unidade nacional e popular contra os planos do imperialismo, contra a barbárie, contra os agentes da ditadura militar escastelados na Abin e no governo FHC. O momento é já. Aqueles que não souberem se colocar à altura desse desafio serão devidamente varridos para baixo do tapete da história.